

“A diversidade temática era e ainda é a força e o diferencial do PPG-AU/FAUFBA”

Conversa com

Gilberto Corso Pereira

Coordenador do PPG-AU/FAUFBA (2006-2010)

Universidade Federal da Bahia

Formado em Arquitetura pela UFRGS em 1978 e docente da FAUFBA desde 1982 — de início, conciliando a docência com a prática projetual — Gilberto Corso Pereira recebeu em 16 de maio de 2024, por e-mail, as perguntas dos Cadernos PPG-AU/FAUFBA, retornando por escrito em 16 de agosto do mesmo ano.

Em suas respostas, ele relembra a inflexão decisiva de sua trajetória, na década de 1980, quando, com Arivaldo Amorim, identificou a necessidade de incorporar a computação gráfica e o geoprocessamento ao ensino e à pesquisa. Dessa iniciativa surgiu o LCAD, implantado em 1992, inaugurando uma agenda digital aplicada ao projeto, ao planejamento urbano e à visualização espacial. O LCAD tornou-se a base de seus primeiros projetos relevantes, como três Simpósios Nacionais de Computação Gráfica (1991, 1993, 1995) e convênios como o Sistema de Informações Metropolitanas da CONDER, que o conduziram ao doutorado em Geografia na UNESP/Rio Claro (1994–1999) — em que abordou a cartografia urbana digital e iniciou sua produção sobre representação espacial, SIGs, visualização interativa e leitura geodemográfica. Outro eixo de sua trajetória é o núcleo de Salvador do Observatório das Metrôpoles, criado em 2003 por ele, Ângela Gordilho e Inaiá Carvalho. Atualmente um INCT, o grupo produz estudos comparativos sobre desigualdades socioespaciais, transformações urbanas e cenários futuros, articulando geotecnologias, urbanismo e análise socioespacial e gerando dados qualificados para políticas públicas.

Como coordenador do PPG-AU/FAUFBA, entre 2006 e 2010, ao lado de Paola Jacques, enfrentou o momento de avaliações mais rigorosas da CAPES e a expansão dos programas. Foi em sua gestão que o PPG-AU/FAUFBA pela primeira vez alcançou a nota 6, ampliou sua internacionalização e fortaleceu suas linhas de pesquisa. Nesse período, também foram estruturados o doutorado interinstitucional com a UFPB, o Mestrado Profissional em Conservação e Restauro e colóquios internacionais com o ICBA.

Ao final, ele comenta os desafios atuais da pós-graduação — menos recursos, pressões avaliativas, internacionalização e interdisciplinaridade — e reafirma o PPG-AU/FAUFBA como referência nacional, articulando tradição acadêmica, inserção regional e compromisso social. Entre os temas emergentes, destaca justiça espacial, resiliência urbana, futuros metropolitanos, plataformas digitais e transformações tecnológicas, além de debates já consolidados sobre patrimônio, gênero, raça e perspectivas decoloniais. Menciona, ainda, suas leituras atuais, voltadas a futuros possíveis, clima e alternativas econômicas. Para Corso, o horizonte do PPG-AU/FAUFBA segue ancorado na pluralidade temática, na crítica social e na capacidade de se reinventar sem perder o compromisso histórico com a cidade, o território e a esfera pública.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Vamos começar falando um pouco de você. Poderia se apresentar?

Gilberto Corso: Sou arquiteto, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro). Tenho pós-doutorado no KIT — Karlsruhe Institute of Technology. Sou Professor titular da Faculdade de Arquitetura desde 1982, aposentando em 2016, mas me mantendo professor dos programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e em Geografia, ambos da UFBA. Fui professor visitante do programa de pós-graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará, entre 2022 e 2023.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Vamos começar falando um pouco sobre a sua formação e sua trajetória acadêmica. Pode nos falar um pouco de sua experiência acadêmica e profissional e sua formação?

Gilberto Corso : Sou arquiteto formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1978. Ingressei na Universidade Federal da Bahia (UFBA) por concurso público em 30 de agosto de 1982, no departamento de Criação e Representação Gráfica da Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA), como professor auxiliar em regime de 40 horas semanais. Naquela época, a pós-graduação não era requisito para ingresso na carreira e o único programa de pós-graduação em Arquitetura do país era o da USP.

Antes do ingresso na UFBA, atuava como arquiteto exercendo prática projetual como profissional liberal. Os primeiros anos como professor da FAUFBA são marcados pela alternância da docência com a prática profissional. Assim, até passar a um regime de dedicação exclusiva, a Universidade, a carreira docente e a prática profissional eram exercidas paralelamente. Recebi prêmios em concursos públicos como a premiação Bienal de Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BA), em 1989, trabalho realizado em parceria com a arquiteta Graça Gondim — que era, na época, colega do Mestrado e reencontrei muitos anos depois com seu ingresso na FAUFBA como docente. Alguns anos após meu ingresso no mestrado na FAUFBA, solicitei a alteração de meu regime de trabalho para DE (Dedicação Exclusiva), o que aconteceu em março de 1988.

No final da década de 80 o então departamento de Criação e Representação Gráfica da FAUFBA era responsável por dois grupos de disciplinas: as de representação gráfica para projeto, tais como desenho técnico, desenho arquitetônico para os curso de Arquitetura e Urbanismo e para os diversos cursos de Engenharia da UFBA; e as

disciplinas de plástica voltadas para concepção, abrangendo modelos, maquetes, teoria das cores e programação visual.

Ministrei, neste período, as disciplinas de desenho técnico e desenho arquitetônico. O ensino de desenho nas escolas de Arquitetura e Engenharia não diferia em nada do que eu havia experimentado enquanto aluno na UFRGS nos anos 70 e, em verdade, se poderia dizer que se manteve praticamente inalterado nos dois últimos séculos, até praticamente o final do século XX, se baseando em disciplinas como Geometria Descritiva e desenho projetivo.

Com o surgimento dos microcomputadores e o desenvolvimento das tecnologias de Computação Gráfica, as primeiras aplicações para as áreas de projeto e desenho estavam, no final dos anos 80, se tornando disponíveis no mercado. E isto tornava evidente que aquele era o momento em que o ensino das tecnologias de representação voltadas para projeto deveria se adequar ao contexto e absorver o que então era uma nova tecnologia.

Partilhávamos esta percepção, eu e o professor Arivaldo Amorim, colega de departamento que estava afastado, naquele momento em pós-graduação na USP, no departamento de Transportes da Escola Politécnica. Começamos a discutir e conceber a criação de um centro de estudos que pudesse levar estas tecnologias para a UFBA. Participamos de eventos em outras áreas como os Simpósios Brasileiros de Geoprocessamento organizados na Escola Politécnica da USP ou o Simpósio Brasileiro de Computação Gráfica organizado pela SBC - Sociedade Brasileira de Computação por que nossa perspectiva era criar um núcleo interdisciplinar na FAUFBA que pudesse absorver e difundir conhecimento numa área claramente emergente e ao mesmo tempo, absolutamente distante do universo de ensino e pesquisa em Arquitetura e Urbanismo da época.

Minhas atividades de ensino eram basicamente as aulas das disciplinas de Desenho Técnico, para cursos de graduação em Engenharia e de Desenho Arquitetônico para o curso de Arquitetura e Urbanismo. Além do ensino, minha outra atividade acadêmica era a de formação na pós-graduação recém iniciada na FAUFBA

Com a criação do Mestrado na FAUFBA, em 1983, na época denominado de Mestrado em Organização do Espaço Físico-Ambiental, coordenado pelo professor Pasqualino Magnavita e tendo como vice-coordenador o professor Heliodório Sampaio, iniciei

minha formação como pesquisador na primeira turma em 1984, na área de concentração em Desenho Urbano — era uma das áreas do Mestrado na época —, concluindo o curso em 1989.

O curso, que foi posteriormente renomeado como Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, poderia ser caracterizado como um curso denso, com uma carga horária em disciplinas extremamente grande que certamente seria considerada incompatível com as exigências que um curso de pós-graduação deve atender hoje em dia. O corpo docente do Mestrado era pequeno, mas muito qualificado. O curso de mestrado da UFBA foi o segundo da área de Arquitetura e Urbanismo, que até então somente contava com o programa da USP em Estruturas Ambientais Urbanas. A defesa da dissertação “Habitação Popular em Salvador: O Caso das Malvinas”, orientada pelo professor Pasqualino Magnavita, ocorre em 1990. A pesquisa para a elaboração desta dissertação foi o primeiro passo para minha formação como pesquisador, sendo que o estudo da habitação popular seria um ponto de partida que eu retomaria muitos anos depois.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Poderia destacar eventos, projeto ou experiência que entende ter sido determinantes em sua formação e sua atuação acadêmica?

Gilberto Corso : No período entre 1990 e 1994, já como mestre e professor em regime de dedicação exclusiva, os projetos mais importantes foram a criação do Laboratório de Computação Gráfica Aplicada à Arquitetura e ao Desenho (LCAD)¹ e a organização de dois eventos nacionais que foram pioneiros na área de tecnologia de informação aplicada à Arquitetura e Urbanismo — projetos na verdade interligados e que tinham a perspectiva futura de criar um centro de estudos e pesquisas na área.

O LCAD, que atualmente é um centro de estudos, pesquisa, ensino e extensão, foi concebido em fins de 1989, a partir de um projeto desenvolvido por mim e pelo professor Arivaldo Amorim, que continuava em São Paulo afastado para sua pós-graduação. Em 1990, apresentei ao departamento de Criação e Representação Gráfica da FAUFBA o projeto de criação de um núcleo de estudos que seria responsável pela introdução de uma nova área no departamento. O projeto foi aprovado, e também a realização de

¹ Nota dos Editores (N.E) — Renomeado em 2014 como Laboratório de Estudos Avançados em Cidade, Arquitetura e Tecnologias Digitais, o LCAD nasceu em 1992 pelas mãos de Arivaldo Leão de Amorim e Gilberto Corso Pereira. Antes chamado de Laboratório de Computação Gráfica Aplicada à Arquitetura e ao Desenho, consolidou-se como um centro multidisciplinar dedicado às tecnologias de representação e de atuação no espaço arquitetônico e geográfico. Instalado no subsolo da Faculdade de Arquitetura, destacou-se nos anos 1990 pelos cursos pioneiros de geoprocessamento e projeto assistido por computador e, com a criação do doutorado do PPG-AU/FAUFBA, estruturou a linha de pesquisa “Linguagem, Informação e Representação do Espaço”.

um evento técnico-científico nacional nesta que era, naquele momento, uma nova área de conhecimento.

O laboratório foi efetivamente implantado em janeiro de 1992. No Departamento contou com a adesão de alguns colegas como Elizia Rocha, Geraldo Araújo e Sônia Castro. Desde então o laboratório divide suas atividades entre pesquisa, extensão e ensino — primeiramente de graduação, posteriormente de pós-graduação.

Em novembro de 1991, marcando o início da operação do LCAD, coordenei o projeto e realização do primeiro evento nacional a tratar das aplicações de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia e áreas afins. Este era de fato o nome do evento: “1º Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia e Áreas Afins”. A qualificação de primeiro já trazia a intenção de realizar um novo evento contínuo. No meu texto de apresentação (PEREIRA, 1991), nos anais, eu declarava que:

o papel da Universidade, neste contexto, passa tanto pela pesquisa do uso da informática na Arquitetura, Engenharia, Design ou Artes, quanto pelo ensino ... bem como pelo trabalho de extensão, ou seja, pela difusão destas tecnologias entre a comunidade técnica.

O Simpósio, que se caracterizou como uma atividade de disseminação de conceitos e tecnologia, se estruturou de modo a criar condições para o entrosamento entre os diversos setores envolvidos com computação gráfica nas suas aplicações em Arquitetura, Urbanismo, Engenharia e atividades afins: técnicos, pesquisadores, usuários e potenciais usuários e provedores de tecnologia (hardware e software).

Neste simpósio, realizado com apoio do CNPq, foi apresentada a proposta de trabalho do laboratório. A proposta explicitava o objetivo principal do LCAD como sendo o de “introduzir as técnicas de computação gráfica aplicada, CAD, GIS, DTM... nos cursos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e capacita-la a médio prazo como centro de pesquisas e difusor destas tecnologias a nível nacional” (PEREIRA; AMORIM, 1991).

O LCAD realizou mais dois eventos nacionais, o “2º Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia e Áreas Afins”, em 1993, e o último deles, em 1995, este voltado ao ensino (PEREIRA; CASTRO, 1991; PEREIRA; CASTRO, 1994; PEREIRA; CASTRO; ARAÚJO, 1996).

A realização de eventos de abrangência nacional revelou-se uma estratégia correta, pois o intercâmbio com pesquisadores do país de diversas áreas que trabalhavam em

áreas afins aos nossos interesses de estudo e pesquisa se converteu em redes pessoais e institucionais que até hoje propiciam resultados.

O laboratório se tornou uma referência, em Salvador, para os que buscavam conhecer as possibilidades de aplicações e usos de tecnologias gráficas digitais nas áreas de projeto e planejamento.

Depois da organização do primeiro simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura e Urbanismo, o LCAD foi contactado pela CONDER (Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador) que, na época, era uma organização estatal de planejamento metropolitano, interessada em usar tecnologias SIG (Sistemas de Informações Geográficas) no seu sistema de informações metropolitanas, que estava para ser adquirido.

Um sistema de informações pode ser sintetizado como um sistema projetado para entrada, armazenagem, manutenção e processamento de dados e para a saída de dados na forma de informação. O sistema pode ser visto como uma maneira de integrar e organizar os dados e acrescentar significado aos mesmos, assim transformando estes dados em informação útil para um determinado objetivo. Um Sistema de Informações Geográficas serve a necessidades específicas nas quais a questão espacial é central no processo de análise, interpretação e uso das informações.

As técnicas de representação seguiram o desenvolvimento tecnológico. O desenvolvimento de sistemas CAD permitiu a construção digital de representações geométricas extremamente complexas, embora no primeiro momento as aplicações voltadas para projeto reproduziam as representações bidimensionais utilizadas desde a Revolução Industrial. O computador usado como uma máquina de desenho poderosa, ou num termo datado e muito usado na época, como uma “prancheta eletrônica”.

Os Sistemas de Informação Geográficas me pareciam trazer um avanço nas representações do mundo pois as ferramentas SIG permitiram que, além de uma representação geométrica do mundo, com base na utilização de elementos geométricos simples como os pontos, linhas e polígonos usados na cartografia tradicional, atributos não gráficos fossem adicionados a esses elementos, vinculando o simbólico à representação geométrica. A geografia poderia então ser representada por um banco de dados sobre a geometria dos objetos representados e seus muitos atributos possíveis.

Em 1993, foi estabelecido um convênio entre a CONDER e a UFBA, tendo o LCAD como executor, e, através de uma pequena equipe, começamos a elaborar o projeto

conceitual do sistema de informações metropolitanas. O professor José Alberto Quintanilha, da USP, que havia participado do simpósio de 1991 com uma conferência sobre SIGs, atuou como consultor externo ao laboratório, trazendo uma bagagem que ainda não tínhamos e consolidando uma parceria que se mantém até hoje.

O avanço em diversas áreas tecnológicas no final do século XX — computação gráfica, banco de dados, sensoriamento remoto, fotogrametria, uma grande parte delas discutida nos simpósios de 1991 e 1993 que organizamos — possibilitou o surgimento da área de conhecimento interdisciplinar conhecida como Geoprocessamento que, por sua vez, passou a influenciar as atividades nas quais a análise e o entendimento do espaço têm um papel preponderante.

O projeto do Sistema de Informações Metropolitanas elaborado para a CONDER foi extremamente inovador para a época (PEREIRA; AMORIM; QUINTANILHA, 1994) e teve diversos desdobramentos acadêmicos — trabalhos apresentados em eventos, publicações, cursos etc. —, num entrelaçamento de pesquisa e extensão, sendo uma das razões que me motivou a desenvolver uma pesquisa de doutorado que investigasse as possibilidades de uso de tecnologias de Geoprocessamento em projeto e planejamento urbano, o que me aproximou do campo da Geografia Urbana.

Um SIG voltado para o Urbanismo pode oferecer uma representação da cidade, ou de aspectos da cidade, e isto me parecia um mote importante para uma investigação que poderia ser desenvolvida em um doutorado.

Nos anos noventa, os cursos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do país eram poucos e fortemente orientados para as áreas de teoria e história da Arquitetura e do Urbanismo. Considerando meus interesses de pesquisa, a alternativa era fazer o doutorado em outra área e, por isso, acabei optando pela realização de um doutorado em Geografia.

No período de 1994 a 1999, cursei o doutorado em Geografia — área de concentração em Organização do Espaço — no Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, na Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro). O título da tese foi “Geoprocessamento e Urbanismo em Salvador: Uma Contribuição Cartográfica”, orientada pela professora Barbara-Christine Nentwig Silva, professora do departamento de Geografia da UFBA, que eu já conhecia devido a ela participar como docente do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

O termo Geoprocessamento traz implícito a noção de que, através do processamento de dados geográficos, vamos obter informação. O termo é composto por duas palavras

— “geo” + “processamento” — que traduzem a ideia de chegar à informação pelo processamento de dados geográficos. Geoprocessamento pode ser considerado como um conjunto de tecnologias, métodos e processos para o processamento digital de dados geográficos e a obtenção de informação geográfica.

A tese discutiu as bases conceituais que devem embasar o projeto de um Sistema de Informações Geográficas para Planejamento Urbano. O texto apresentou exemplos de visualização cartográfica da cidade de Salvador produzidas a partir das técnicas discutidas e da base de dados formada durante a pesquisa. A cartografia foi elaborada a partir dos objetivos do projeto, ou seja, analisar o espaço intraurbano de Salvador do ponto de vista do planejamento urbano. Um resumo da tese publicado como capítulo de livro (PEREIRA; SILVA, 2001) permanece como um dos meus textos mais citados, com 82 citações no Google Scholar, além de quase 7.500 visualizações e quase 1.000 downloads no repositório institucional da UFBA.²

Os resultados da tese me levaram a continuar investigando as possibilidades de transformações de dados em informações para compreender e caracterizar as cidades. A defesa da tese aconteceu em outubro de 1999, quando eu já havia reassumido minhas atividades na UFBA, em fevereiro daquele ano.

Foram desdobramentos naturais projetos de pesquisa ancorados na demanda de transformar dados em informação geográfica, desenvolvidos a partir do meu retorno a essa universidade, em fevereiro. Eu vou destacar projetos concebidos neste período e desenvolvidos nos anos seguintes: VIRE – Visualização e Representação do Espaço, VIU – Visualização de Informações Urbanas e REBATE - Rede Baiana de Tecnologias de Informação Espacial foram projetos que resultaram numa produção acadêmica rica.

Os dois primeiros partiram dos resultados da tese de doutorado, que produziu uma grande quantidade de cartografia temática sobre Salvador, para investigar as possibilidades de transformar aquela cartografia em informação visual digital. O PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) da UFBA financiou diversos bolsistas que participaram deste e de outros projetos; e muito dos bolsistas seguiram com estudos na pós-graduação e na docência.

Um dos objetivos centrais destas investigações era transformar um conjunto de dados sobre o espaço urbano, que começavam a se tornar disponíveis na época — cartografia digital, dados demográficos, imagens de sensoriamento remoto — em

² N.E. — Na revisão final do texto, atualizamos os números antes fornecidos pelo entrevistado com os dados de novembro de 2025 do Google e do repositório da UFBA.

informação visual e manejada de forma interativa pelo pesquisador, sem que este precisasse ser um especialista em geotecnologias. Os resultados mais notáveis foram duas versões do Atlas Digital Salvador — uma aplicação computacional que permitia aos usuários estruturar de forma interativa as informações que lhe interessavam, além de diversos papers apresentados em eventos nacionais e internacionais.

Já o projeto REBATE partiu da constatação que embora já existissem, no final dos anos 1990, tecnologias amplamente acessíveis para o tratamento de dados espaciais e a análise de informações geográficas, a maior parte dos projetos de Geoprocessamento tinha como dificuldade inicial o acesso aos dados, que eram, em função dos altos custos envolvidos, produzidos por organizações públicas. Outras dificuldades comuns, nos projetos então desenvolvidos na Bahia, além da falta de dados, ou da falta de acesso aos dados, eram a falta de conhecimento que dessem suporte à implantação de metodologias de planejamento e gestão e a falta de capacitação das equipes técnicas.

Neste contexto, a Universidade poderia desempenhar um papel relevante, sendo esta a motivação para a elaboração do projeto REBATE, que na sua primeira etapa tinha como metas: qualificar pessoal nas organizações parceiras; fazer um inventário das ações, usuários, bases de dados e recursos envolvidos com Geoprocessamento na Bahia e disseminar publicamente as informações geográficas existentes; e propor padrões para intercâmbio de dados entre as organizações. O projeto foi desenhado para viabilizar a constituição de uma rede interinstitucional dedicada à pesquisa e ao intercâmbio de informações, aproveitando um edital aberto, em 1997, para o financiamento da constituição de redes de pesquisa.

O projeto foi elaborado em resposta ao edital CADCT-FINEP 01/97, redigido em equipe com o professor Arivaldo Amorim, entregue ao Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CADCT (organização que antecedeu a FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia) para julgamento em março de 1998. Coordenei o projeto após sua aprovação pela FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos e pelo CADCT, que buscou constituir um espaço de articulação de instituições públicas e privadas com a Universidade Federal da Bahia, através do LCAD, para pesquisas e atividades de difusão tecnológica.

O projeto gerou diversos produtos acadêmicos — livros, artigos, participação em eventos nacionais e internacionais, cursos de extensão, cursos de pós-graduação *lato sensu* — destacando-se, aqui, uma das minhas primeiras publicações num periódico internacional, em 1999. Após a apresentação do projeto em um evento internacional,

fui convidado, pelo editor da revista, a reescrever o trabalho para sua publicação. O texto apresentou o projeto e suas motivações, a partir de uma análise do contexto nacional do uso e das aplicações de geoprocessamento no Brasil e de suas consequências para o desenvolvimento das aplicações de planejamento e gestão do espaço. (PEREIRA, 1999).

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Qual era o cenário da pós-graduação em arquitetura e urbanismo, no Brasil, na época em que você foi coordenador do nosso programa?

Gilberto Corso: Após a conclusão do doutorado, ao final de 1999, participei intensamente do ensino de pós-graduação na organização, na docência e na coordenação de Cursos de Especialização em Geoprocessamento oferecidos pelo LCAD, bem como das primeiras experiências com a pós-graduação *lato sensu*. E, a partir de 1999, também na pós-graduação *stricto sensu*, ofertando disciplinas no então Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

Na pós-graduação, o então Mestrado em Arquitetura e Urbanismo se transformou no PPG-AU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, a partir da criação do doutorado, em 1999. Neste momento, as linhas de pesquisa foram reestruturadas e criamos a linha de pesquisa em Linguagem, Informação e Representação do Espaço, que passou a ser apoiada pelo LCAD. Posteriormente, em 2003, a partir da minha integração a uma rede de pesquisa de estudos metropolitanos, o Observatório das Metrôpoles, hoje transformado num INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia), passei a participar também da linha de pesquisa Processos Urbanos Contemporâneos. Assim, a partir de 2002, passei a oferecer a disciplina Geoprocessamento e Urbanismo no PPG-AU/FAUFBA.

Além do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, colaborei com o Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana, nos anos de 2000 e 2001. No Mestrado em Geografia, me tornei professor colaborador a partir de 2002, oferecendo naquele ano a disciplina Sistema de Informações Geográficas.

Paralelamente às atividades de pesquisa e à produção acadêmica, continuei envolvido, neste período, com atividades administrativas na FAUFBA. Continuei como coordenador do LCAD e, em 2004, passei a fazer parte do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo — me tornando, em 2005, vice-coordenador do programa, no mandato da professora Eloisa Petti; e coordenador do PPG-AU/FAUFBA, a partir de maio de 2006.

Coordenei o programa por dois mandatos de 2006 a 2010, tendo como vice-coordenadora a professora Paola Jacques num trabalho cooperativo de muita proximidade. A experiência de coordenar o que era um dos programas mais tradicionais da área de Arquitetura e Urbanismo, no Brasil, foi a um só tempo extremamente gratificante e igualmente desgastante. A produção intelectual se torna mais difícil pela necessidade de dedicar parcela expressiva de seu tempo na instituição às tarefas administrativas e projetos do programa. O lado positivo é a visão panorâmica que se tem da pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e em áreas próximas como Planejamento Urbano e Regional e Geografia, no país, e a possibilidade de fazer avançar a área.

O cenário de então, na pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, era caracterizado pela liderança dos programas mais antigos e consolidados, como o da USP e o PROURB da UFRJ, e a entrada em cena de novos programas, já configurados para atender as demandas crescentes da CAPES, com seu processo de avaliação que se sofisticava em cada avaliação trienal. Ao final desse período, também os nascentes programas de Design passam a fazer parte da área na CAPES, embora a área de Arquitetura e Urbanismo, no CNPq, permanecia vinculada à área de Ciências Sociais Aplicadas — criando uma dificuldade adicional para a adaptação dos programas antigos, formatados para um ensino denso e pesquisas longas, o que conduzia a tempos de titulação também longos, particularmente para o mestrado. Os novos programas partiam de grades curriculares e necessidade de créditos menores, com dissertações se aproximando de monografias, principalmente na área de Design, dentro dos padrões que a CAPES passou a induzir nas suas avaliações periódicas.

Uma das atividades de ensino na pós-graduação a ser destacada foi o curso Arquitetura e a Forma Urbana na Metrópole: Séculos XX e XXI, em 2007. Este curso foi ministrado pelo professor J.L. Cohen da NYU - New York University dentro do programa da CAPES, Escola de Altos Estudos nos programas de pós-graduação da UFBA, USP e UFRJ, e através de atividades presenciais e videoconferência — algo corriqueiro, hoje, mas que na época era um desafio tecnológico, coordenado por mim e pela professora Paola Jacques (UFBA), pelas professoras Cristina Leme e Maria Angela Leite (USP) e pela professora Denise Pinheiro Machado (UFRJ).

Outro projeto importante do PPG-AU/FAUFBA, no período, foi o Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Arquitetura e Urbanismo, em 2008. Elaborei o projeto deste doutorado interinstitucional entre a UFBA e a UFPB em colaboração com a professora

Elisabetta Romano, da UFPB, e o professor Arivaldo Amorim. O projeto foi aprovado pela CAPES e desenvolvido em Salvador e João Pessoa entre 2009 e 2013.

Atividades de Extensão, deste período, a destacar são a coordenação de dois simpósios internacionais promovidos pelo nosso programa de pós-graduação e pelo Instituto Cultural Brasil–Alemanha (ICBA): o Simpósio Internacional Salvador–Berlim, promovido pelo PPG-AU/UFBA e pelo ICBA, em 5 e 6 de outubro de 2009, e o Simpósio Internacional Salvador-Hamburgo: Passado e Presente da Globalização, promovido pelo PPG-AU/UFBA e pelo ICBA, em 5 e 6 de novembro de 2009.

Ao final do segundo mandato como coordenador enviei aos colegas de colegiado a seguinte mensagem, que reproduzo por trazer uma síntese das atividades de nossa coordenação:

Em 2010, o colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo elegeu por unanimidade seu coordenador para o próximo biênio, prof. Francisco Costa, encerrando o mandato da coordenação anterior que foi exercida nos últimos quatro anos por mim e pela vice-coordenadora, profa. Paola Jacques. Para sintetizar as realizações do período, destacamos algumas ações administrativas e projetos:

- A elevação da nota atribuída pela Capes ao programa, que chegou à nota 6;
- A internacionalização através de ações como os projetos:
 - CAPES/COFECUB-França (conclusão em 2007, coordenadora: Paola Jacques);
 - CAPES/DGN-Espanha (conclusão em 2008, coordenador: Xico Costa);
 - PROBAL-CAPES/DAAD-Alemanha (início em 2009, atualmente em andamento, coordenador: Arivaldo Amorim);
 - Escola de Altos Estudos – consórcio entre os programas da UFBA, PROURB/UFRJ e USP, que gerou o curso de JL Cohen (coordenação local de Gilberto Corso) e a coleção de DVDs (coordenador Xico Costa);
 - Presença de diversos professores visitantes, da França, Espanha, Portugal e Alemanha, com apoio de agências também diversas;
 - A busca de recursos participando de editais como CT-INFRA e Pró-Equipamentos;

- o O projeto e o início de um doutorado inter-institucional, com a UFPB, atualmente em andamento;
- o A organização ou o apoio de diversos eventos.

O projeto do Mestrado Profissional em Conservação e Restauro foi aprovado, na UFBA e na CAPES, com início previsto para o segundo semestre de 2010 e, na época, coordenado pela profa. Eloisa Petti

Em maio de 2010, concluí meu período como coordenador e passei a considerar a possibilidade de me afastar para um estágio pós-doutoral, projeto que só pude me dedicar após a transmissão do cargo. Minha outra atividade administrativa, coordenador do LCAD, prosseguiu até o final do primeiro semestre de 2011, quando me afastei da UFBA.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você se lembra de outros desafios enfrentados na sua gestão? E como foram superados?

Gilberto Corso: Os desafios maiores se deram no campo externo, enfrentando os processos de avaliação, nem sempre justos com o programa, que precisou recorrer de várias decisões ao final das avaliações da Capes, que então eram trienais.

O programa era, na época da nossa coordenação (2006/2010), o mais consistente e inovador fora do eixo Rio-São Paulo, com uma atuação em pesquisa forte, o que era atestada pelo alto percentual de pesquisadores do CNPq e uma produção discente que se destacava em diversos fóruns pela sua qualidade. O programa, nesse período, expandiu sua atuação além dos cursos de Mestrado e Doutorado Acadêmicos, com a oferta do Mestrado Profissional, em 2010.

Em termos de nucleação e solidariedade, no triênio 2008/2010 o programa reforçou a consolidação de sua liderança nacional e, sobretudo regional, no Nordeste do país. A realização de um Doutorado Interinstitucional entre o PPG-AU/FAUFBA e dois Programas de Pós-Graduação da UFPB foi projetada como um vasto plano de colaboração — ensino, pesquisa e extensão — que tem como maior impacto previsto a formação de doutores qualificados que possam atuar, no Nordeste, em pesquisa e ensino no campo de Arquitetura e Urbanismo. Outra iniciativa no sentido de manter nossa relevância nacional e internacional, no campo da Conservação e Restauro, foi a aprovação pela CAPES, em 2009, do Mestrado Profissional em Conservação e Restauro, com a primeira turma oferecida no segundo semestre de 2010. Destaca-se, também, no triênio, a conclusão do programa PQI com a Universidade Federal de Pelotas, que resultou na

criação de dois novos cursos de mestrado naquela instituição (os cursos de Memória Social e Patrimônio Cultural e de Arquitetura e Urbanismo) e convênios internacionais de cooperação e projetos em rede: CAPES/COFECUB–França; CAPES/MECD–Espanha; CAPES/DAAD–Alemanha.

É também importante dar relevo ao fato de que a produção do programa se deu em diversas áreas de atuação. Citando o próprio documento da área de Arquitetura e Urbanismo na CAPES, à época, na caracterização do PPG-AU/UFBA afirmava-se que sua produção

resulta da combinação de conhecimentos típicos das áreas de humanidades com os conhecimentos de base tecnológica. Outrossim, é importante ressaltar que programas que abrigam, simultaneamente, áreas e linhas de pesquisa de base tecnológica e áreas e linhas de pesquisa vinculadas às humanidades conseguem dar suporte com mais amplitude aos cursos de graduação em AU onde tem sede.

Outro aspecto a dar relevo é que, apesar de sua localização numa região do país notoriamente desfavorecida em termos de recursos, o programa atuou com solidariedade em relação aos demais programas nordestinos e mesmo de outras regiões.

Os critérios para atribuição de notas, na época, e ainda hoje, consideram tradição, inserção internacional, nucleação e inovação. E, nesses aspectos, o PPG-AU/UFBA tinha uma liderança incontestável na área de Conservação e Restauro, com laboratórios e pesquisadores de nível internacional e se destacava em áreas tradicionais em Arquitetura e Urbanismo, como Estudos Urbanos e História da Cidade e do Urbanismo, com teses premiadas pela CAPES em 2008 e 2009 e pesquisadores com reconhecimento internacional e em áreas recentes como Tecnologias de Informação Espacial, onde também tem um papel de liderança nacional e desenvolvendo projetos com centros internacionais.

A diversidade temática era e ainda é a força e o diferencial do PPG-AU/FAUFBA na comparação com o panorama nacional, mas também trazia desafios para a gestão interna do programa, devido à necessidade de compatibilizar as diversas perspectivas de grupos e pesquisadores, sempre acreditando que seus interesses de pesquisa eram os mais relevantes, o que frequentemente levava a conflitos internos.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: É possível perceber, olhando para trás, quais estavam sendo os avanços e as contribuições trazidos para o campo por pesquisadoras e os

pesquisadores do PPG-AU/FAUFBA nesses anos do programa? Você lembra quais eram as autoras e os autores, os temas e os conceitos que mais circulavam naqueles anos?

Gilberto Corso: Em termos de produção docente, dentro do contexto daquele período entre 2006 e 2010, acredito que o PPG-AU/FAUFBA tinha o grupo de pesquisadores mais qualificado da área de Arquitetura e Urbanismo & Design, com 40% dos pesquisadores 1A do CNPq da área atuando no programa e, além disso, o percentual total de pesquisadores do CNPq em relação ao corpo docente permanente era de mais de 50%.

Difícil e temerário destacar nomes, mas dentre os pesquisadores bolsistas do CNPq poderia citar Paola Jacques, Mario Mendonça, Pasqualino Magnavita, Ana Fernandes, Marco Aurélio [Andrade de Filgueiras Gomes], todos com grande inserção e visibilidade nos debates nacionais, nas suas áreas de atuação, que incluíam História da Cidade e do Urbanismo, Patrimônio, Conservação e Restauro, dentre outros, bem como pesquisadores que, naquele momento, fora da esfera do CNPq, tinham produção com grande relevância na academia e fora dela: Heliódório Sampaio, Paulo Ormino, Arivaldo Amorim. A grande maioria destes colegas continua atuando e liderando as suas áreas de estudo e pesquisa e, sem dúvida, foram o lastro que possibilitou o programa avançar e se projetar nacionalmente.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Que contribuições teórico-epistemológicas e políticas você acha que o programa ainda oferece para o campo? O que o diferencia e lhe dá destaque, hoje em dia?

Gilberto Corso: O Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia tem diversas contribuições para o campo de arquitetura e urbanismo que o destacam, podemos citar, dentre outras:

- Abordagem crítica e reflexiva. O PPG-AU/FAUFBA é conhecido por incentivar uma perspectiva crítica sobre a arquitetura e o urbanismo, questionando práticas tradicionais e promovendo reflexões sobre a relação entre o espaço construído e a sociedade. Esta abordagem inclui um olhar atento às questões de justiça social, desigualdade e participação cidadã no processo de desenvolvimento urbano.
- Interdisciplinaridade. O programa valoriza a interdisciplinaridade, integrando conhecimentos de áreas como ciências sociais, história, geografia, e estudos culturais, bem como das áreas próximas das ciências exatas, como conservação e restauro, tecnologias de informação e projeto. Essa perspectiva

amplia a compreensão das dinâmicas urbanas e arquitetônicas, permitindo análises mais profundas e complexas.

- Pesquisa em Arquitetura Vernacular e Patrimônio. A UFBA possui uma forte tradição em estudos sobre arquitetura vernacular, patrimônio histórico e cultural. Isso inclui a valorização de técnicas construtivas locais e a preservação de identidades culturais, essenciais para a conservação e revitalização do patrimônio arquitetônico.
- Sustentabilidade e Urbanismo Inclusivo. Esta é uma área onde o programa ainda não oferece uma contribuição consistente, mas creio que deve perseguir um foco crescente em sustentabilidade e urbanismo inclusivo, promovendo pesquisas e projetos que buscam soluções inovadoras para problemas ambientais e sociais nas cidades.

Como contribuições políticas podemos considerar:

- Engajamento Social e Políticas Públicas. O PPG-AU/FAUFBA frequentemente se envolve em debates sobre políticas públicas e planejamento urbano, buscando influenciar a formulação de políticas que promovam a equidade e a justiça social. Esse engajamento é manifestado através de colaborações com governos locais, ONGs e movimentos sociais.
- Promoção da Participação Comunitária. A ênfase na participação comunitária e na inclusão de diferentes vozes no processo de planejamento e desenvolvimento urbano é uma característica marcante de grupos de pesquisa ligados ao programa. Isso se reflete em projetos de extensão e pesquisa que promovem o envolvimento ativo das comunidades locais.
- Inovação na Formação Profissional. A formação oferecida pelo PPG-AU/FAUFBA prepara profissionais para lidar com os desafios contemporâneos de forma crítica e inovadora, promovendo uma visão integrada das práticas arquitetônicas e urbanísticas com as realidades sociais, econômicas e ambientais.

Como diferenciais do PPG-AU-UFBA, creio que podem ser citados:

- Tradição em Estudos Culturais e Sociais. A UFBA tem uma longa tradição em integrar aspectos culturais e sociais em seus estudos de arquitetura e urbanismo, distinguindo-se por uma abordagem que valoriza a diversidade cultural e a memória coletiva.

- Ênfase Regional. O programa tem um foco significativo em questões regionais, especialmente no contexto da Bahia e do Nordeste brasileiro. Isso inclui a análise de peculiaridades locais, como o patrimônio arquitetônico e urbano, os processos de urbanização em áreas periféricas e as dinâmicas socioeconômicas específicas da região.
- Impacto na Prática Profissional. Muitos egressos do PPG-AU/FAUFBA têm desempenhado papéis importantes em instituições de pesquisa, planejamento urbano e preservação do patrimônio, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Essa rede de profissionais fortalece a influência do programa na prática e na Academia.

Esses elementos tornam o PPG-AU/FAUFBA uma referência no campo de arquitetura e urbanismo, destacando-o pela sua capacidade de integrar teoria, prática e um forte compromisso com as questões sociais e culturais.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Pensando na sua trajetória como pesquisador, quais temáticas marcam a sua vida acadêmica? Poderia comentar as que entende ser de maior relevância, e como elas se relacionam com debates regionais, nacionais e, se for o caso, internacionais

Gilberto Corso: Eu poderia dividir essa trajetória em dois grandes períodos que, por sua vez, correspondem também a temáticas dominantes naquele momento da minha vida acadêmica. O primeiro, mencionado na resposta às primeiras perguntas, corresponde ao projeto, à fundação e à organização de um centro de estudos, pesquisa e extensão, que foi o LCAD. O laboratório foi um núcleo primeiramente voltado para temas relacionados ao uso e à aplicação de tecnologias digitais nas áreas de projeto e planejamento urbano, e que evolui de um foco fortemente tecnológico para uma abordagem mais interdisciplinar, incorporando temáticas urbanas, o que provocou inclusive a mudança de nome do laboratório — hoje, Laboratório de Estudos Avançados em Cidade, Arquitetura e Tecnologias Digitais. O segundo período da minha trajetória corresponde a fundação, em 2003, junto com as professoras Angela Gordilho e Inaiá Carvalho, do núcleo Salvador do Observatório das Metrópoles. Esse segundo momento posso considerar como um marco para os meus últimos vinte anos como pesquisador, mas não substituiu, ou encerrou, as atividades de pesquisa desenvolvidas anteriormente, influiu em eixos de investigação desenvolvidos em paralelo, e desde então, nas atividades de pesquisa.

Na primeira década do século XXI, ocorre a minha transferência do departamento de Criação e Representação Gráfica, onde eu estava desde o meu ingresso na FAUFBA em 1982, para o departamento de Teoria e Prática do Planejamento. Isto se deu atendendo a um convite da então chefe do departamento de Planejamento, a profa. Teresinha Rios. Em termos de ensino, isso significou assumir a responsabilidade pela disciplina Estudos Sociais e Ambientais no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, o que era coerente com minha produção acadêmica mais recente.

Passei também, em 2010, a atuar como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, o que significou assumir mais encargos de ensino e orientação e, também, ampliar a área disciplinar de atuação.

É importante, neste período, também registrar a realização de um estágio pós-doutoral no KIT - Karlsruhe Institute of Technology, entre 2011 e 2012. O projeto de pesquisa e colaboração acadêmica "Patrimônio Arquitetônico, Documentação e Tecnologias Digitais" havia sido elaborado como resposta a um edital CAPES/DAAD, em 2008 (programa PROBRAL), e aprovado para início em março de 2009. O projeto foi coordenado pelo professor Arivaldo Amorim e previa missões de estudo e trabalho dos estudantes e pesquisadores de ambas as instituições.

A presença na Europa permitiu uma boa interação com os pesquisadores do KIT, bem como de outras universidades europeias, tais como a HCU – Hafen City University/Hamburgo, a UCL – University College of London, o POLIMI – Politecnico de Milano, University of Cagliari, a University of Basilicata e o TU Delft – OTB Research Institute for the Built Environment. Estes contatos ocorreram em reuniões quando da visita de pesquisadores ao KIT, durante eventos técnico-científicos, ou em reuniões nas Universidades, e abriram possibilidades para futuros projetos colaborativos.

O resultado geral foi uma produção acadêmica que se expressou na forma de artigos publicados em periódicos internacionais, capítulo de livros publicados na Europa, apresentações em eventos científicos internacionais, participação em comitê científico de eventos internacionais.

Além da produção científica foram lançadas bases para projetos de cooperação futuros com grupos de pesquisa europeus, contribuindo para ampliar a internacionalização dos programas de pós-graduação do qual participo na Universidade Federal da Bahia — Arquitetura e Urbanismo e Geografia.

Quanto às atividades de pesquisa, iniciamos um novo projeto, o "2i2p - Internet e Interatividade para a Participação Pública". Este foi um projeto de pesquisa realizado

através de parceria entre PRODEB – Companhia de Processamento de Dados do Estado da Bahia, através da pesquisadora Maria Célia Rocha, colaboradora em projetos anteriores (PEREIRA; ROCHA, 2002a, 2002b, 2002c), e o LCAD da Faculdade de Arquitetura da UFBA, com apoio FAPESB/CNPq, no âmbito do Edital Bahia Inovação 002/2008, na modalidade Pesquisador na Empresa.

Neste projeto, retomamos algumas ideias desenvolvidas nos projetos de visualização de informação geográfica que resultaram nos Atlas Digitais, agora com a possibilidade de acrescentar interatividade através do uso da internet. Foram temas tratados no projeto questões de usabilidade, simplificação da linguagem e muitos outros aspectos de projeto de sítios Web. Com relação à informação geográfica, consideramos que mais do que prover instrumentos e ferramentas digitais de representação do espaço, objetivando viabilizar a participação pública num processo de planejamento urbano, seria importante a disponibilização de recursos e informações de forma interativa e numa rede aberta. Essa é uma possibilidade que a Internet, com as aplicações, então chamadas de Web 2.0, tornavam viável e a baixo custo.

O projeto envolveu revisão de literatura, conhecimento e avaliação de experiências nacionais e internacionais em interatividade em sítios Web e o desenvolvimento e a implantação de um sítio experimental para apresentação de informações geográficas. A cartografia usada no sítio experimental foi a cartografia temática produzida para o livro “Como Anda Salvador” (<http://www.2i2p.ufba.br/portal>). O blog do projeto que foi usado para documentação, difusão de tecnologias e conceitos e notas técnicas é outro dos produtos e continua sendo acessado (<http://www.2i2p.ba.gov.br>).

Outro resultado do projeto 2i2p foi uma atividade de extensão, a organização e coordenação do Colóquio Internacional Democracia e Interfaces Digitais para a Participação Pública, promovido pelo LCAD e pelo PPG-AU/UFBA, com apoio da CAPES e do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, em setembro de 2010. Os resultados deste colóquio foram publicados como um número especial dos Cadernos PPG-AU/FAUFBA.

O marco a destacar, já mencionado, foi a estruturação de um núcleo de estudos urbanos e metropolitanos, que é hoje o núcleo Salvador do Observatório das Metrôpoles, projeto que foi desenvolvido com a professora Inaiá Carvalho do CRH (Centro de Estudos em Humanidades) ao longo de vários anos. O Observatório das Metrôpoles é um grupo que funciona em rede, reunindo instituições e pesquisadores dos campos universitário, governamental e não governamental, e que pode ser caracterizado como um programa plurinstitucional e pluridisciplinar (Geografia, Planejamento Urbano, Ciências Sociais, Economia). Trata-se de uma rede composta por

pesquisadores de programas de pós-graduação que atuam na área de estudos urbanos e regionais. Essa rede, que se consolidou posteriormente como INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, se associou por afinidade temática, mas também por afinidade na concepção de planejamento urbano, enquanto prática científica visando à geração de conhecimento para a sociedade.

Em 2002, o Observatório, que havia iniciado um programa de estudos comparativos das metrópoles brasileiras, em 1997, nas metrópoles de Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, estava expandindo a rede e entrou em contato com pesquisadores de Salvador — no primeiro momento, com Ângela Gordilho e comigo, no PPG-AU/FAUFBA; e com Inaiá Carvalho, no programa de Ciências Sociais e no Centro de Pesquisas em Humanidades, que passaram a integrar a rede do Observatório.

Os trabalhos do núcleo Salvador começam tímidos pela carência de recursos e pessoal. Em 2004, a professora Angela Gordilho sai da equipe para assumir a secretaria municipal de habitação de Salvador. Ainda em 2004, elaborei, junto com Inaiá Carvalho, o projeto *Metrópole e Desigualdades Socioespaciais: Projeto Salvador*, que foi submetido ao edital PRONEX – Programa de Núcleos de Excelência - CNPq/FAPESB, sendo aprovado para financiamento e duração prevista de três anos (2004/2006). A equipe coordenadora era constituída pelos mesmos pesquisadores do início, em 2002, provenientes e líderes de três diferentes núcleos da UFBA: Inaiá Maria Moreira de Carvalho – CRH/FFCH/UFBA; Gilberto Corso Pereira – LCAD/FAUFBA; Angela Maria Gordilho Souza – LabHabitar/FAUFBA. Este projeto consolidou a nossa inserção na rede de pesquisa do Observatório das Metrópoles, da qual faço parte até hoje, como atual coordenador do núcleo Salvador, sucedendo Inaiá Carvalho, em 2019.

O projeto visou à incorporação do estudo sobre Salvador em uma rede nacional ampla, viabilizou análises comparativas e confronto de experiências, tendo como resultado o enriquecimento mútuo dos pesquisadores, com transferências cruzadas de competência e uma melhor compreensão das tendências comuns e das diferenças entre as diversas metrópoles brasileiras, seja em razão dos diferentes pontos de partida e trajetórias específicas de cada cidade, seja devido aos efeitos particulares das conjunturas locais.

Esse projeto se configurou como uma ação multidisciplinar e interinstitucional articulada não somente na UFBA, mas externamente à Universidade e se integrando a uma rede nacional que envolve instituições de pesquisa de todo o Brasil. Deste modo, contribuiu para subsidiar ações de planejamento e gestão dos espaços intraurbanos da RMS, possibilitando a formulação de políticas públicas mais eficazes no combate das

desigualdades sociais e da exclusão pela espacialização da distribuição da riqueza e da pobreza urbana, colocando em contexto geográfico as desigualdades sociais, as composições ocupacionais, as dinâmicas demográficas e as condições de vida da população urbana em Salvador e sua região metropolitana.

A produção acadêmica resultante destes estudos é bastante robusta, se destacando o livro *Como Anda Salvador*, que teve duas edições pela EDUFBA e uma terceira pela editora Letra Capital. O livro, na sua segunda edição da EDUFBA (CARVALHO; PEREIRA, 2008), que foi atualizada e ampliada em relação à edição de 2006, se encontra disponível no formato e-book no portal SciELO (<http://books.scielo.org/id/36d>) e no repositório institucional da UFBA.

Este livro se tornou uma referência para os estudos sobre Salvador e sua Região Metropolitana (RMS), pela sua abrangência e seu caráter interdisciplinar. A RMS é analisada em diversos aspectos — econômicos, demográficos, sociais, do ambiente construído, violência urbana —, todos relacionados e ilustrados por uma cartografia e um conjunto de indicadores que traçam um retrato claro da metrópole no início do século XXI. E a essa publicação seguiram outras como produto do núcleo Salvador OM (CARVALHO; PEREIRA, 2014; PEREIRA; SILVA; CARVALHO, 2017; PEREIRA; FERNANDES, 2022).

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Como você avalia, ao longo dos anos, a evolução e as contribuições do PPG-AU/FAUFBA, considerando as áreas de concentração, bem como de suas linhas de pesquisa?

Gilberto Corso : O programa tem contribuições expressivas em todas as suas linhas de pesquisa. Sempre foi uma liderança nacional na área de Conservação e Restauro, ao passo que a área de Urbanismo se constituiu como um “guarda-chuva” que abriga pesquisas e temáticas que vão além dessa denominação. Creio que pode ser o momento do programa fazer uma revisão dessas denominações, desde que não perca a identidade e a diversidade temática que sempre o caracterizaram. A qualidade dos trabalhos desenvolvidos pode ser atestada pelas inúmeras premiações que as teses e dissertações do programa receberam ao longo dos anos, e a capacidade de inovação pelos eventos nacionais que foram “lançados” pelo programa com a organização de sua primeira edição nacional em Salvador — podemos exemplificar isso com o Seminário de História da Cidade e do Urbanismo e o DOCOMOMO. Nesse aspecto, o programa contribui também para a circulação de ideias e de produções acadêmicas diversas.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Quais seus interesses atuais, os novos projetos e ações inovadoras que participa e como que se relacionam com o PPG-AU/FAUFBA?

Gilberto Corso : Minhas áreas de interesse atual estão associadas às transformações que impactam hoje as cidades contemporâneas. E estas preocupações de pesquisa são desenvolvidas em dois grupos de pesquisa dos quais participo.

Passamos por mudanças profundas nos anos recentes que, acredito, podem ser objeto de investigações diversas na Academia. Ao mesmo tempo esses processos conectam os dois eixos temáticos de pesquisa desenvolvidos ao longo da minha trajetória: os impactos das tecnologias de informação e comunicação e as transformações urbanas e metropolitanas. Estes temas alimentam o trabalho nos grupos de pesquisa LCAD e Núcleo Salvador OM e resultam em uma produção acadêmica diversificada.

Uma das áreas de interesse se relaciona com o desenvolvimento tecnológico que ocorre, hoje, de forma integrada e forçando convergências com diversas disciplinas. A convergência tecnológica amplifica a conectividade com o surgimento de uma gama de produtos e serviços mediada por plataformas digitais e baseadas em localização.

As grandes transformações que a convergência tecnológica já provoca são somadas a outras transformações alavancadas pela transição demográfica (envelhecimento populacional) e potencializadas pela pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2021, que acelerou tendências que já estavam em curso no mundo, e que provocam mudanças nas formas de trabalho e na estrutura social e espacial das cidades, com grande impacto em uma cidade como Salvador, além da transição ecológica que vivemos por conta da emergência climática, já inegável, que vivemos.

Espaços públicos urbanos sempre foram lugares de movimento e atividades de vários tipos e, conectados por estruturas de transporte, possibilitaram a mobilidade dos cidadãos: as ruas, avenidas, praças, passagens ligando mercados, casas, escritórios. A evolução dos sistemas de transporte urbano permitiu a expansão das cidades horizontalmente, chegando até à dispersão que nós experimentamos hoje em dia. Na cultura digital, a distância é medida de forma diferente. O acesso a espaços digitais onde ocorrem as transações, interações sociais e políticas, atividades acadêmicas e culturais é medida em cliques.

As representações tradicionais de aspectos sociais e demográficos nas cidades ainda são baseadas na agregação de pessoas ou famílias em áreas definidas e uniformemente representadas (setores censitários, por exemplo) ou no endereço físico de indivíduos como os existentes nos bancos de dados comerciais. Um exemplo desse

último caso é o de bancos de dados das operadoras de cartão de crédito ou lojas de varejo, que registram o endereço físico do consumidor e das lojas onde e quando foi consumida a mercadoria ou serviços. Nos dois casos, é uma representação topográfica que fornece a base espacial para a representação social.

Embora essa forma de tratamento de dados e informações mantenha a sua relevância, as redes sociais digitais contemporâneas desempenham hoje um papel estrutural na sociedade. Isso traz novos desafios para a construção de representações espaciais da sociedade e de suas relações, com implicações nas áreas que trabalham com dados geodemográficos, como as de planejamento e gestão urbana. Afinal, para o planejamento urbano, é necessário gerenciar e entender o “fixo” — estrutura e infraestrutura física — e os “fluxos” — mobilidade, transporte e, agora, fluxos de conteúdo digital.

Modelos e técnicas de análise de redes podem ajudar a entender a metrópole futura. Técnicas como as de *spatial syntax* ou análise de grafos trazem novas perspectivas para o estudo de processos de segregação socioespacial ou de mobilidade intraurbana (PEREIRA; SILVA; CARVALHO, 2017).

Apesar das implicações que esse novo contexto cultural e tecnológico traz para o ambiente construído, os arquitetos e urbanistas não estão muito presentes no debate. As implicações dessas mudanças — que são ao mesmo tempo culturais e tecnológicas, restaurando, aqui, o velho argumento de McLuhan, “o meio é a mensagem” — devem ser consideradas nas práticas atuais de planejamento urbano e urbanismo, e ensejam novas questões de pesquisa.

Uma outra área de interesse também significativa, para mim, é a relacionada com o INCT Observatório das Metrópoles, onde tratamos das transformações urbanas e metropolitanas brasileiras. O núcleo Salvador do Observatório das Metrópoles realizou, desde 2004, um conjunto de estudos sobre as condições econômicas, populacionais, sociais e urbanas da metrópole baiana. Uma grande parte destes estudos foram publicados nas edições já citadas do livro *Como Anda Salvador*, hoje esgotado. Em 2011, elaboramos um novo projeto em resposta ao edital PRONEX – Programa de Núcleos de Excelência CNPq/FAPESB, com os mesmos pesquisadores do projeto de 2004, agora ampliado por pesquisadores da UCSal, como Sylvio Bandeira, Barbara-Christine, Silvana Carvalho e Nelson Baltrusis.

Como resultado desses projetos, publicamos, eu e Inaiá Carvalho, um outro livro que fez parte de uma coleção nacional de livros comparativos sobre as diversas metrópoles

brasileiras, publicados pelo INCT – Observatório das Metrópoles — que atualizou e ampliou o escopo das edições dos livros “Como Anda Salvador”, com novos dados, novas informações e novas análises, na mesma perspectiva interdisciplinar (CARVALHO; PEREIRA, 2014).

Depois de muitos estudos sobre a metrópole que traçavam um diagnóstico de Salvador, no núcleo Salvador OM, hoje, passamos a estudar os futuros possíveis da metrópole em exercícios de construção de cenários prováveis. Resultados dessa preocupação são livros mais recentes (PEREIRA; SILVA; CARVALHO, 2017) além de outras publicações (PEREIRA; FERNANDES, 2022a), que discutem o futuro da metrópole pós-pandemia.

As publicações mais recentes são o livro que integra a coleção “Reforma Urbana e Direito à Cidade” (PEREIRA; FERNANDES, 2022b) e uma outra publicação (PEREIRA; FERNANDES, 2024), trazendo textos relacionados com os problemas metropolitanos, numa perspectiva pré-eleitoral, considerando a demanda por informações qualificadas antes da eleição municipal de 2024. Ambas as publicações foram organizadas em parceria com a pesquisadora Claudia Fernandes e com a intenção de realizar uma das principais missões do INCT Observatório das Metrópoles: produzir conhecimentos e informações para colocá-los a serviço dos atores sociais e governamentais envolvidos com as políticas públicas.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Como avalia o cenário contemporâneo da Pós-graduação, no Brasil, e como analisa a participação do PPG-AU/FAUFBA nesse contexto?

Gilberto Corso : O cenário contemporâneo da pós-graduação, no Brasil, é marcado por desafios e transformações, refletindo a busca por inovação e qualidade acadêmica em meio a restrições orçamentárias e pressões sociais. O cenário pode ser caracterizado por alguns dos seus aspectos mais relevantes, que é o aumento no número de programas de pós-graduação, no Brasil, diversificando áreas de conhecimento e abrangendo mais regiões do país. No caso de Arquitetura e Urbanismo, ainda ocorreu o acréscimo da área de Design, que tem uma cultura e processos de pesquisa diversos. Isso contribui para a democratização do acesso ao ensino superior avançado, mas ao mesmo tempo acirra a competição entre programas, dado que a escassez de recursos é uma preocupação constante. Bolsas de estudos, infraestrutura e financiamento para pesquisa enfrentam desafios significativos.

A escassez de recursos, por sua vez, torna críticos os processos de avaliação. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desempenha

um papel crucial na avaliação e na garantia de qualidade. A demanda por excelência e a pressão para manter altos padrões são constantes.

Outra questão que marca o cenário contemporâneo é a busca por internacionalização e interdisciplinaridade. Programas de pós-graduação brasileiros têm investido em parcerias internacionais e intercâmbio de estudantes e pesquisadores, apesar de desafios como barreiras linguísticas e diferenças de financiamento — e a área de Arquitetura e Urbanismo não é exceção. Há um incentivo crescente para pesquisas inovadoras e interdisciplinares que possam responder a demandas complexas da sociedade, alinhadas com tendências globais.

No contexto específico do PPG-AU/FAUFBA, podemos destacar alguns tópicos:

- **Relevância e Tradição.** O PPG-AU/FAUFBA é um dos programas mais antigos do país, reconhecido por sua tradição e relevância na formação de profissionais e pesquisadores na área de Arquitetura e Urbanismo, destacando-se no cenário regional e nacional.
- **Enfoque Regional e Impacto Social.** O programa tem um forte compromisso com questões locais e regionais, como o desenvolvimento urbano, produção da cidade e a preservação do patrimônio cultural, alinhando suas pesquisas com necessidades locais e contribuindo para a transformação social.
- **Produção Científica e Inovação:** O PPG-AU/FAUFBA promove uma produção científica significativa, incentivando abordagens inovadoras e interdisciplinares que dialogam com questões contemporâneas de urbanização e arquitetura.
- **Integração e Colaboração.** Parcerias com outras instituições, tanto nacionais quanto internacionais, fortalecem a pesquisa e a formação, permitindo uma troca de conhecimentos e experiências.
- **Desafios e Oportunidades.** Assim como outros programas, o PPG-AU/FAUFBA enfrenta desafios relacionados ao financiamento e à necessidade de adaptação às novas exigências acadêmicas e sociais, mas também encontra oportunidades para se destacar através da inovação e do impacto local.

Em suma, o PPG-AU/FAUFBA se insere de maneira relevante no contexto contemporâneo da pós-graduação no Brasil, contribuindo para o avanço do conhecimento e respondendo a desafios complexos com uma abordagem regionalmente sensível e academicamente rigorosa.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Quais temáticas, conceitos, autoras e autores você julga estarem emergindo e consistem em novas perspectivas nos debates em arquitetura e urbanismo?

Gilberto Corso: Nos debates contemporâneos em arquitetura e urbanismo, várias temáticas, conceitos e autores emergem e trazem novas perspectivas. Creio que poderia citar alguns que poderiam ser acolhidos pelos pesquisadores de Arquitetura e Urbanismo do nosso PPG-AU/FAUFBA:

- Urbanismo de Resiliência. Trata do foco na adaptação das cidades às mudanças climáticas e aos desastres naturais, com estratégias para tornar os ambientes urbanos mais resilientes. É um tema que a emergência climática, exemplificada pela recente catástrofe de Porto Alegre, tornou mais urgente.
- Relacionado a esse tema podemos falar em Desenho Urbano Sustentável. Seriam abordagens para cidades mais verdes e sustentáveis, integrando sistemas naturais nos ambientes construídos.
- Uma temática bastante explorada em Geografia, mas pouco, ainda, na área de Urbanismo, é a Justiça Espacial. Trata de análises de questões de equidade no espaço urbano, examinando como o espaço reflete e influencia desigualdades sociais.
- A convergência tecnológico traz o tema sobre Digitalização e Cidades Inteligentes. Diz respeito ao uso de dados digitais produzidos, hoje, das mais diversas formas (celulares, sensores, dados cadastrais, redes sociais), para otimizar a gestão urbana e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos — ou controlar a vida destes mesmos cidadãos. É um tema novo e que deve ser visto com cuidado e desde o ponto de vista dos habitantes, e não das empresas, e que pode ser desdobrado em outros, como o uso de algoritmos no controle do espaço e de comportamentos e as transformações nas cidades pela chamada “economia de plataforma”.
- Outras temáticas relevantes que podem ser citadas, mas que não podemos considerar emergentes, pois já aparecem nas diversas dissertações e teses do nosso programa, são Descolonização da Arquitetura, uma revisão de práticas e narrativas arquitetônicas a partir de perspectivas não ocidentais e decoloniais; e Gênero e Espaço, ou seja, análise de como o design urbano e arquitetônico afeta diferentes gêneros e orientações sexuais.

- A questão racial também precisa ser considerada como um tema contemporâneo, nas suas interfaces com Arquitetura e Urbanismo, temática que tem sido muito presente, talvez até de forma redundante, nos projetos novos que ingressam no programa.
- Finalmente podemos considerar Patrimônio e Identidade, uma reflexão sobre a preservação do patrimônio e sua relação com identidades culturais contemporâneas.

Como autores e autoras relevantes, por um lado eu diria que ainda vale, para os nossos estudantes, partir dos mais seminais, como Milton Santos, David Harvey, Peter Hall, Richard Sennet e Edward Soja, para chegar aos que têm contribuído para alargar a nossa área. Aqui, poderia citar Raquel Rolnik, Mariana Fix, Luiz Cesar Ribeiro, para ficar nas temáticas de urbanização, financeirização e habitação. Digo isso porque considero que a escolha de autores deve partir dos interesses de estudo e pesquisa de cada um, ou seja, depende do que se quer estudar, entender e explicar.

Por outro lado, dependendo do objeto de estudo, creio ser importante olhar para fora, buscar uma literatura internacional, sem perder de vista o contexto local; e também ler autores de outras áreas, além de Arquitetura e Urbanismo. E, por último, creio que devíamos tentar valorizar a nossa produção local. Me refiro aos pesquisadores que militam no programa, muitos líderes em suas áreas de atuação, como Paola Jacques, Ana Fernandes e Arivaldo Amorim.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Finalmente, o que ou quem você está lendo neste exato momento e que temas têm te interessado? Alguma dica de leitura para estudantes de pós?

Gilberto Corso: Nesse momento estou lendo um material um pouco distante da área de Arquitetura e Urbanismo, mas que, ao mesmo tempo, creio que se relaciona com as nossas questões urbanas contemporâneas. As obras têm a ver com o que tem me interessado mais recentemente, que são as perspectivas de futuro que podemos vislumbrar, para nós, enquanto sociedade, e nossas cidades.

Vou citar duas obras. Uma é a publicação "Down to Earth", de Bruno Latour, que trata das mudanças profundas nas esferas política, social e ambiental decorrentes da crise climática e do impacto do Antropoceno. O autor argumenta que a crise ambiental tem provocado uma reorganização dos eixos tradicionais de orientação política e social, levando ao que ele chama de "novo regime climático". Aborda diversos temas em torno dessa perspectiva. Outra publicação é um livro organizado por Castells, intitulado

“Outra Economia é Possível”, onde os autores exploram as alternativas ao modelo econômico capitalista dominante, especialmente focando em formas de economia solidária, cooperativismo e movimentos sociais que emergem em resposta às crises econômicas globais. O livro esboça uma visão otimista de que alternativas viáveis ao capitalismo não apenas existem, mas estão sendo ativamente construídas.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Gostaria de fazer alguma outra consideração sobre o PPG-AU/FAUFBA ou o nosso campo disciplinar?

Gilberto Corso : Não estou certo que seja importante discutir o escopo do campo disciplinar, mas acho que o nosso campo, de certo modo, se alargou e passou a incorporar temáticas outras. Todavia, acho que precisamos nos conectar mais com as questões atuais e com as perspectivas futuras do que com a visão de passado que muitos dos temas que hoje são considerados relevantes trazem ao programa. Temos ciclos de temáticas que se tornam emergentes e correspondem a diversos momentos da área, como foram, por exemplo, numa época bem mais antiga, as discussões sobre “Estatuto da Cidade”, posteriormente “Direito à Cidade”, e, hoje, os temas identitários. Esses ciclos refletem o que se torna, ou se tornou, relevante em cada momento, mas creio que o programa deve fazer um esforço para garantir que a diversidade de temas relacionada aos nossos diversos grupos de pesquisa permaneça.

Até porque essa foi uma das características centrais do PPG-AU/FAUFBA que o tornou um ator importante no cenário da pós-graduação em pesquisa em Arquitetura e Urbanismo no país.

Referências³

PEREIRA, G. C. Apresentação. In: I Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia & Áreas Afins, 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Faculdade de Arquitetura/ departamento II/UFBA, 1991.

PEREIRA, G. C. ; AMORIM, Arivaldo Leão de . Proposta de Trabalho do Laboratório de Computação Gráfica Aplicada a Arquitetura e ao Desenho. In: I Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia & Áreas Afins, 1992, Salvador. **Anais...** Salvador: Faculdade de Arquitetura/ departamento II/UFBA, 1991.

PEREIRA, G. C. (Org.) ; CASTRO, S. (Org.). I Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia e Áreas Afins. **Anais...** Salvador: Faculdade de Arquitetura/ departamento II/UFBA, 1991.

PEREIRA, G. C.; AMORIM, Arivaldo Leão de ; QUINTANILHA, J. A. . Projeto SIM - Informatização do Sistema de Informações Metropolitanas. In: II Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia & Áreas Afins, 1994. **Anais...** Salvador, 1994. p. 149-157.

PEREIRA, G. C. (Org.) ; CASTRO, S. (Org.) . II Simpósio de Computação Gráfica em Arquitetura, Engenharia e Áreas Afins. **Anais...** Salvador: LCAD/UFBA, 1994. 164p.

PEREIRA, G. C. (Org.) ; CASTRO, S. (Org.) ; ARAUJO, G. B. (Org.) . I Seminário Nacional - A Informática no Ensino de Arquitetura. **Anais...** Salvador: LCAD /UFBA, 1996. 115p.

PEREIRA, G. C. GIS Projects in Brazil. **GIM International**, v. 13, n.9, p. 37-39, 1999.

PEREIRA, G. C. . Desenho, Ensino e Novas Tecnologias. **Educação Gráfica**, Bauru, v. n.4, p. 09-22, 2000.

PEREIRA, G. C.; SILVA, B.-C. Geoprocessamento e Urbanismo. Em: **Teoria, Técnicas, Espaços e Atividades**: temas de Geografia contemporânea. 1. ed. Rio Claro: UNESP/AGETEO, 2001. p. 97–137.

PEREIRA, Gilberto Corso. City Model and Representation: Salvador 3D. In: 23RD. UDMS - Urban Data Management Symposium, 2002, Praga. **Proceedings** of UDMS'02 - 30 years of UDMS, looking back, looking forward. Praga: UDMS, 2002.

³ N.E. — A pedido do entrevistado, as referências não estão listadas em ordem alfabética, mas o mais próximo possível na ordem em que são citadas, refletindo, desse modo, uma espécie de síntese cronológica da produção acadêmica de Gilberto Corso Pereira.

PEREIRA, Gilberto Corso. Interactive Urban Representation. In: ECAADE 2002 - 20TH Conference on Education in Computer Aided Architectural Design in Europe, 2002, Varsóvia.

Design e-ducation: Connecting the Real and the Virtual. Varsóvia: Faculty of Architecture, Warsaw University of Technology, 2002.

PEREIRA, Gilberto Corso; ROCHA, M. C. F.. Spatial Data Infrastructure in Brazil – the REBATE project. In: GSDI-6 Global Spatial Data Infrastructure Conference, 2002, **Proceedings**. Budapest. 2002a.

PEREIRA, Gilberto Corso; ROCHA, M. C. F.. Spatial Data Infrastructure: a Brazilian case. In: 23RD. UDMS - Urban Data Management Symposium, 2002, Praga. **Proceedings** of UDMS'02 – 30 years of UDMS, looking back, looking forward. Praga: UDMS, 2002b.

PEREIRA, Gilberto Corso (Org.), ROCHA, M. C. F. (Org.). **Dados Geográficos: aspectos e perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2002c.

CARVALHO, I.; PEREIRA, G. C. (EDS.). **Como Anda Salvador e sua região metropolitana**. 2a ed., rev. ampliada. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

CARVALHO, I.; PEREIRA, G. C. (EDS.). **Salvador: transformações na ordem urbana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital : Observatório das Metrôpoles, 2014.

PEREIRA, G. C.; SILVA, S. B. DE M. E; CARVALHO, I. **Salvador no século XXI: transformações demográficas, sociais, urbanas e metropolitanas** – cenários e desafios. Salvador: Letra Capital Editora, 2017.

PEREIRA, G. C.; FERNANDES, C. M. Cenários e tendências na metrópole pós-pandemia. Em: RIBEIRO, L. C. DE Q. (Ed.). **Questões, desafios e caminhos**. Rio de Janeiro: Letra Capital : Observatório das Metrôpoles, 2022a. p. 227–262.

PEREIRA, G. C.; FERNANDES, C. M. (EDS.). **Reforma Urbana e Direito à Cidade**: Salvador. Rio de Janeiro, RJ: Letra Capital Editora Ltda, 2022b.

PEREIRA, G. C.; FERNANDES, C. M. (EDS.). Observatório das Metrôpoles nas Eleições: **Um outro futuro é possível**: Salvador. Rio de Janeiro, RJ: Letra Capital Editora Ltda, 2024.

Recebido em: 16/08/2024

Aceito em: 20/11/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v14i0.71131

Como citar: PEREIRA, Gilberto Corso. "A diversidade temática era e ainda é a força e o diferencial do PPG-AU/FAUFBA". **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 14, n. 1, p. 5-36, 2025.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL